

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE DE
ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ATUÁRIA**

Departamento de Economia

GABRIELLA BONELLI

**A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E SEU IMPACTO NA ECONOMIA
BRASILEIRA**

Monografia de Bacharelado em Ciências Econômicas

São Paulo

Novembro/2022

GABRIELLA BONELLI

**A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E SEU IMPACTO NA ECONOMIA
BRASILEIRA**

Monografia submetida à apreciação de banca examinadora do Departamento de Economia, como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, elaborada sob a orientação do Professor Antonio Carlos de Moraes

Novembro/2022

Esta monografia foi examinada pelos professores abaixo relacionados e aprovada com nota final _____ (_____).

Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar nome da pessoa autora do trabalho e demais itens da referência bibliográfica.

Bonelli, Gabriella. **A Pandemia do coronavírus e seu impacto na economia brasileira.** São Paulo, 2022. Monografia de Bacharelado (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

A pandemia da COVID-19 iniciada em 2020 trouxe mudanças extremas e impactantes em todo o mundo, seja no âmbito social - nas atividades cotidianas - seja na economia brasileira e global. Muitos empregos precisaram ser reinventados e a crise sanitária precisou ser enfrentada pela população, com a falta de ajuda governamental agravando ainda mais a situação do país. Este trabalho busca apresentar uma reflexão acerca do enfrentamento da pandemia, levando em consideração as dificuldades enfrentadas pela população, a tratativa governamental e as consequências na economia.

Palavras-chave: pandemia, economia, coronavírus, crise, saúde, empregos, turismo, globalização

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic started in 2020 brought extreme and impactful changes around the world, whether in the social sphere - in everyday activities - or in the Brazilian and global economy. Many jobs had to be reinvented and the health crisis had to be faced by the population, with the lack of government aid further aggravating the country's situation. This monograph objective is to present a reflection on pandemic, considering the difficulties faced by the population, the governmental treatment and the consequences on the economy.

Keywords: *pandemic, economy, coronavirus, crisis, health, tourism, employment, globalization*

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Conceito de onda reflete os gráficos da pandemia | 11 |
| Gráfico 2 – Turismo no mundo | 19 |
| Gráfico 3 – Serviços de entretenimento que foram utilizados pela primeira vez durante o período de pandemia | 21 |
| Gráfico 4 – Evolução das vendas, por atividade, variação da venda média diária no período da COVID-19 | 24 |
| Gráfico 5 - Taxa (em %) de desemprego no Brasil | 34 |
| Gráfico 6 – Variação da taxa de desemprego (%) entre maio e setembro, por UF | 34 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1.PANDEMIA | 9 |
| 1.1. O SURGIMENTO DA PANDEMIA..... | 9 |
| 1.2. A GLOALIZAÇÃO DO COVID-19..... | 10 |
| 1.3. REAÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO FRENTE AO CORONAVÍRUS...12 | |
| 2. OS IMPACTOS DA PANDEMIA NAS ATIVIDADES COTIDIANAS | 16 |
| 2.1. O IMPACTO DO COVID-19 NA EDUCAÇÃO..... | 16 |
| 2.2. PANDEMIA E O TURISMO..... | 17 |
| 2.3. PANDEMIA E AS ATIVIDADES DE ENTRETENIMENTO..... | 19 |
| 3. OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA ECONOMIA BRASILEIRA | 23 |
| 3.1. AS PRIMEIRAS PREVISÕES EM 2020..... | 23 |
| 3.2. O DESENROLAR ECONÔMICO DURANTE A PANDEMIA..... | 27 |
| 3.3.CRISE DIPLOMÁTICA E IMPACTOS ECONÔMICOS CAUSADOS POR ELA..... | 31 |
| 3.4. DESIGUALDADE E PANDEMIA..... | 33 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |

INTRODUÇÃO

A epidemia de Covid-19, chamada de Coronavírus, teve sua origem provável na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. Apesar de já terem existido pandemias no passado, a Covid-19 atingiu diversos países rapidamente, com casos trazidos e levados por viajantes, formando epicentros em todo o mundo, com os casos de Covid aumentando de forma exponencial, inclusive em países com melhores condições de políticas de saúde e renda per capita que a China

A OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou emergência de saúde pública poucos meses após a descoberta do primeiro caso, em abril de 2020. Existe uma diferença crucial entre os efeitos econômicos das intervenções de saúde em países menos desenvolvidos e nos países desenvolvidos. Durante o período de isolamento foi muito comum os questionamentos sobre quais seriam as consequências da não abertura de alguns comércios e atividades não essenciais devido à pandemia e sua ameaça à saúde pública e o que este fator poderia causar na economia.

De acordo com o artigo de Warwick J. McKibbin e Roshen Fernando sobre os cenários da COVID-19 (2020), diversos estudos sobre os efeitos macroeconômicos de outras epidemias no passado provocaram impactos consideráveis em diversas economias por meio de uma redução no consumo de diversos bens e serviços e aumento dos custos operacionais dos negócios.

Além da problemática do vírus em si, o Brasil não teve um bom direcionamento por parte do governo federal, onde o presidente Jair Bolsonaro por diversas vezes ironizou e diminuiu a gravidade do vírus, da pandemia e das mortes, tratando como apenas alarde da grande mídia e exagero. Deriva-se também do comportamento do presidente inúmeras crises diplomáticas que afetam diretamente a economia brasileira, principalmente no que tange os principais parceiros comerciais do Brasil, como a China.

Com o objetivo de analisar os impactos causados pela pandemia de COVID-19, tanto na sociedade brasileira de maneira geral como em setores da economia como bens de consumo e a manufatura, se fará uso de uma metodologia baseada na leitura crítica e argumentação de artigos acadêmicos e de revistas, que trazem informações qualitativas e dados quantitativos, que

auxiliam nesse propósito. Pretende-se usar como dados primários, informações colhidas junto às empresas especializadas e institutos, como a consultoria Deloitte, IBGE e a Caixa Econômica Federal.

Para tanto, o presente trabalho foi organizado em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, será apresentado o contexto da pandemia, com o surgimento e como se alastrou, assim como a reação do governo brasileiro frente aos desafios da pandemia. Na segunda parte será tratado os impactos da pandemia nas atividades cotidianas da população, com destaque para os impactos na educação, turismo e e as atividades de entretenimento. Na terceira e última parte, será abordado o efeito da pandemia na economia brasileira, englobando desde as primeiras previsões econômicas em 2020, o comportamento econômico do país durante a economia, a crise diplomática do governo federal e o impactos econômicos causados por ela, e o fator da desigualdade social evidenciado ainda mais no período pandêmico.

CAPÍTULO 1 – A PANDEMIA

Em 2020, o mundo foi surpreendido por uma situação que seria inimaginável por pessoas que estavam imersas em suas atividades cotidianas, acostumadas a sua rotina e modo de viver. Chegamos em uma situação que mudaria nossas vidas instantaneamente, e que mesmo após anos de seu início, continuaria mudando: a pandemia do coronavírus. Neste capítulo, iremos ver um breve relato sobre como tudo começou, desde seu surgimento até seus primeiros impactos.

1.1 – O SURGIMENTO DA PANDEMIA

Em 2020, o mundo se viu em uma realidade em que antes era vista somente em filmes, de forma que pensávamos que eram somente coisas do passado (como grandes pestes que assolavam cidades ou lugares específicos, onde dizimavam populações por não ter controle de propagação da doença e a forma de cura ser desconhecida), ou em filmes de ficção científica, onde o mundo se encontraria em um caos generalizado que mudaria a vida de todos os seres que nele habitam.

O mundo se viu, então, em uma pandemia: a da covid-19. Para entender suas consequências, seja no cotidiano ou na economia, devemos entender primeiro o que é esse vírus que chegou mudando a forma em que o mundo se encontrava.

O coronavírus, ou covid-19, são nomes conhecidos popularmente do vírus SARS-CoV-2. Como remete o número “19” em covid-19, a – até então – epidemia teve início em 2019, na cidade de Wuhan, na China. Segundo o Instituto Butantan, as principais teorias levantadas acerca do surgimento do vírus incluíam o contato entre um ser humano e um animal infectado e um acidente em um laboratório na China.

A teoria (ou *fake news*) de que o vírus teria sido criado em um laboratório propositalmente causou tensão entre alguns países em relação a China, entre eles os Estados Unidos. Além disso, a xenofobia muito esteve (e está) presente quando se envolve essa teoria.

Em 2021, segundo a revista Exame, um estudo conjunto da China e da Organização Mundial de Saúde (OMS) descartou a tal teoria de que a Covid-19 surgiu em laboratório. A pesquisa apontava ainda, que a hipótese mais provável

era a infecção natural de humanos, provavelmente por meio do comércio de animais selvagens. Além disso, descobriu-se que a paciente zero (primeiro caso) da doença no mundo foi uma vendedora que trabalhava em um mercado de animais na cidade de Wuhan.

Uma equipe de especialistas liderada pela OMS passou quatro semanas em Wuhan e seus arredores com cientistas chineses e disse em um relatório conjunto em março que o vírus provavelmente foi transmitido de morcegos para humanos por meio de outro animal (...) Agora, o cientista Michael Worobey, (...) encontrou discrepâncias na linha do tempo ao investigar informações já tornadas públicas em periódicos médicos e meios de comunicação. Ele argumenta que os laços da vendedora com o mercado e uma nova análise das primeiras conexões dos pacientes hospitalizados sugerem fortemente que a pandemia começou ali. (EXAME, 2021)

Complementando a ideia acima, apesar de ainda sob investigação e sem conclusão até o momento, acredita-se que o surgimento do vírus passou do morcego para um mamífero intermediário, e dele para o ser humano, ou até mesmo de um morcego para o ser humano, sem um intermediário.

1.2 – A GLOBALIZAÇÃO DO COVID-19

Como uma epidemia (no caso, o vírus atingindo a população de um determinado território) se tornou então uma pandemia (esse mesmo vírus atingindo o mundo todo)? Com a globalização que temos hoje, ainda que demorado, os países são facilmente conectados uns aos outros por pontes aéreas, isto é, temos voos entre diversos países, com diversos passageiros.

Segundo Moreira, Canedo e Mello (2020), até março de 2020, o vírus havia se espalhado por 203 países e assim foi oficialmente declarado o estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os principais grupos de risco a morte ou estados críticos em relação a doença incluíam idade avançada, doenças crônicas e comprometimento imunológico (chamados grupos com comorbidade). Como esses fatores costumam estar presentes juntos em populações idosas, cerca de 70% das mortes iniciais ocorreram entre idosos. Ainda em março de 2020, o Brasil já apresentava o segundo maior número de casos positivos e de mortes por COVID-19, sendo cerca de 70% dos casos letais entre pessoas com mais de 60 anos.

Na chamada “primeira onda” – conceito utilizado não envolvendo física, e sim para analisar o comportamento da pandemia levando em conta número de

casos e mortes, sendo o ápice da onda os maiores números e o “fim” do ciclo de uma onda quando há baixa destes indicadores – houve em média 7,1 mil mortes por dia no mundo, em abril de 2020, logo no começo da pandemia ainda sem sinais de uma vacina, segundo a revista Exame (2022).

No Gráfico 1 abaixo, é possível identificar alguns picos (ou momentos de “onda”) de novos casos diários no Brasil. É importante salientar que os números são referentes a casos testados, ou seja, casos que foram contabilizados por conta de o paciente ter testado positivo ao teste de Covid-19, o que não contempla infectados que não fizeram o teste.

GRÁFICO 1 – CONCEITO DE ONDA REFLETE OS GRÁFICOS DA PANDEMIA



Fonte: Universidade Johns Hopkins/Our World in Data, apud CNN Brasil (2021)

Levando em conta o Gráfico 1, o pesquisador José Eduardo Levi, da Universidade de São Paulo (USP), explica em entrevista para CNN Brasil (2021): “Quando observamos os gráficos da pandemia no Brasil, vemos claramente que houve uma onda entre abril e maio de 2020. Em junho, o número de casos e mortes foi caindo, fazendo esse formato de onda. Depois, houve uma segunda, muito maior, relacionada à variante P.1, que começou em dezembro e teve o pico em março. Já estamos na parte de descida dessa onda (em maio de 2021)”.

De acordo com as Nações Unidas (2022), a Organização Mundial da Saúde (OMS) calculou que entre janeiro de 2020, início da pandemia, e dezembro de 2021, aproximadamente 14,9 milhões de pessoas morreram por conta do Covid-19, ou de causas associadas indiretamente ao vírus, como devido ao impacto da pandemia nos sistemas de saúde e na sociedade.

Ainda segundo a OMS, a maioria das mortes (84%) está concentrada no Sudeste Asiático, Europa e Américas. Cerca de 68% estão concentradas em apenas 10 países em todo o mundo. Os países de média renda respondem por 81% das 14,9 milhões de mortes (53% em países de baixa-média renda e 28% em países de média-alta renda) no período de 24 meses, enquanto países de alta e baixa renda representam 15% e 4%, respectivamente.

Com a disseminação do vírus e sem formas para tratar a doença, começaram o surgimento de algumas variantes, como a Alfa e a Gama, que chegaram ao Brasil em dezembro de 2020, e a Delta, em 2021.

1.3 – REAÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO FRENTE AO CORONAVÍRUS

É indiscutível que o tratamento inicial de um governo frente a uma pandemia pode fazer toda a diferença no número de contágios e morte. Mesmo sem perspectivas de vacina ou cura logo em 2020, o modo como o governo trata assuntos de saúde pública, mesmo que sem poder contribuir cientificamente, reflete muito sobre a forma em que o país é gerido e por quem é gerido, envolvendo, além de empatia com seu povo, geopolítica e diplomacia.

Analisando o primeiro discurso do presidente Jair Messias Bolsonaro em 9 de março de 2020, logo nas primeiras semanas de surto da doença no Brasil, com os números crescentes desde o primeiro caso confirmado no país, e já estado de emergência nos demais países, pode-se perceber que logo de início o governo brasileiro minimizou a crise sanitária mundial. Seu primeiro discurso para a população dizia que a preocupação em combater o coronavírus era uma histeria coletiva e que a doença era superestimada pela mídia, pois a mesma queria causar pânico na população.

Em seu segundo discurso, em 20 de março de 2020, alegou que uma “gripezinha” não iria derrubá-lo e nem fazer o Brasil parar (TAVARES, OLIVEIRA e MAGALHÃES, 2020). Além de discursos com descaso à população, o

presidente sempre se mostrou negacionista aos métodos de prevenção do covid-19, como o isolamento social e o uso de máscaras.

De acordo a Folha de São Paulo (2020), um estudo da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) realizado em parceria com o IRD (Instituto Francês de Pesquisa e Desenvolvimento) identificou o chamado “efeito Bolsonaro” na propagação da pandemia do coronavírus no Brasil. Utilizando dados de municípios sobre a expansão da doença combinado com o resultado na votação em primeiro turno nas eleições presidenciais nos 5.570 municípios, chegou-se a conclusão de que havia uma correlação entre a preferência pelo presidente Jair Bolsonaro e a expansão da Covid-19. Segundo a pesquisa, para cada 10 pontos percentuais a mais de votos para Bolsonaro há um acréscimo de 11% no número de casos e de 12% no número de mortos.

“Podemos pensar que o discurso ambíguo do presidente induz seus partidários a adotarem com mais frequência comportamentos de risco (menos respeito às instruções de confinamento e uso da máscara) e a sofrer as consequências.” De acordo com os pesquisadores, esse foi o efeito que mais chamou a atenção, pois, em princípio, não haveria razão para explicar o motivo de cidades que votaram mais em Bolsonaro terem proporcionalmente mais mortes do que nos outros locais estudados. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

Como visto acima, os discursos e a forma de pensar e conduzir a pandemia por parte do presidente influenciou e influencia diretamente no pensamento de seus eleitores e seguidores, causando uma série de atitudes inconsequentes (como se recusar a utilizar máscaras em público, por exemplo), ajudando na expansão do vírus, além de se exporem mais a doença e contrai-la.

Indo ainda mais além, o Diário Sindsep (2021), trouxe uma pesquisa sobre como Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. A pesquisa é coordenada pela jurista Deisy Ventura, pesquisadora da relação entre pandemias e direito internacional e coordenadora do doutorado em saúde global e sustentabilidade da USP; Fernando Aith, professor-titular do Departamento de Política, Gestão e Saúde da FSP, Camila Lissa Asano, coordenadora de Programas da Conectas Direitos Humanos; e Rossana Rocha Reis, professora do departamento de Ciência Política e do Instituto de Relações Internacionais da USP. Na pesquisa em questão, é trazido o levantamento das falas públicas do presidente, e nela desenham o mapa que fez do Brasil ser um

dos países mais afetados pela covid-19 e, ao contrário de outras nações do mundo, ainda sem uma campanha de vacinação com cronograma confiável por muito tempo.

Para tal análise, é formada uma linha do tempo composta por três eixos, de março de 2020 aos primeiros 16 dias de janeiro de 2021: 1) atos normativos da União, incluindo a edição de normas por autoridades e órgãos federais e vetos presidenciais; 2) atos de obstrução às respostas dos governos estaduais e municipais à pandemia; e 3) propaganda contra a saúde pública, definida como “o discurso político que mobiliza argumentos econômicos, ideológicos e morais, além de notícias falsas e informações técnicas sem comprovação científica, com o propósito de desacreditar as autoridades sanitárias, enfraquecer a adesão popular a recomendações de saúde baseadas em evidências científicas, e promover o ativismo político contra as medidas de saúde pública necessárias para conter o avanço da covid-19”.

Não é possível mensurar quantas das mais de 212.000 mortes de brasileiros poderiam ter sido evitadas se, sob a liderança de Bolsonaro, o Governo não tivesse executado um projeto de propagação do vírus. Mas é razoável afirmar que muitas pessoas teriam hoje suas mães, pais, irmãos e filhos vivos caso não houvesse um projeto institucional do Governo brasileiro para a disseminação da covid-19. (DIÁRIO SINDSEP, 2021)

Além de uma crise de saúde pública, outro ponto é a crise diplomática acentuada no período da pandemia. De acordo com Silva (2020), o negacionismo acerca da pandemia do coronavírus tem como origem os líderes da extrema direita, assentada numa ideologia “antiglobalista” e veem como ameaça qualquer órgão da ONU, como a OMS. O Brasil tem uma espécie de cooperação/competição com a China, e durante o período, causou diversos acidentes diplomáticos, além de preconceituosos. Dois acidentes diplomáticos se destacaram e tiveram grande repercussão.

No primeiro, Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro, publicou mensagens via *Twitter* em que comparava o coronavírus com Chernobyl, alegando que a ditadura chinesa havia “escondido” o vírus e que a China era culpada pelo que estava acontecendo. O episódio foi contestado pela embaixada da China no Brasil e agravado por uma desastrada nota do ministro das Relações Exteriores brasileiro. O segundo, ocasionado pelo ministro da

Educação Abraham Weintraub, repelida pela embaixada chinesa como “racista”, onde o ministro publicou, também no *Twitter*, uma mensagem ironizando o sotaque chinês e colocando em xeque as relações sino-brasileiras. Segundo Silva (2020), foram duas crises gratuitas que deveriam ter sido evitadas em qualquer período, mas que ganham maior gravidade com a centralidade da China, tanto na produção de insumos médicos, como na sustentação da pauta de comércio exterior brasileira.

Essa política isolacionista pode também ter implicações no comércio exterior brasileiro: 1) afastamento político de importantes compradores, como China; 2) problemas de exportação, resultantes de descontrole sanitário; 3) isolamento nas articulações multilaterais de defesa comercial. As expectativas são de uma redução do PIB global e do comércio exterior a curto e médio prazo, o que traz como previsível a elevação da disputa comercial e dificuldades adicionais de exportação (ajustes em cotas, medidas sanitárias, preferências). Os países que detêm maior poder econômico e político tendem a dar as cartas nas regras e negociações comerciais, num jogo duro que exige do Brasil uma forte articulação diplomática para colocar à mesa seus interesses. (SILVA, 2020)

Conforme visto neste capítulo, não só o impacto do vírus em si, mas também a forma de condução da grande crise por parte governo pode causar grande impacto na economia. A sociedade no geral teve que se reinventar para seguir em frente levando em consideração o novo cenário mundial, adaptando diversas tarefas, incluindo o trabalho, à questão do isolamento social seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), como será visto no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 – OS IMPACTOS DA PANDEMIA NAS ATIVIDADES COTIDIANAS

A pandemia causada pelo coronavírus traz uma mudança muito rápida de diversos âmbitos. Com a “surpresa” e a rapidez com que o vírus se espalhou, a sociedade teve que se reinventar e adaptar tarefas que antes eram feitas em grupo ou tinham grande fluxo de pessoas. Neste capítulo veremos os impactos da pandemia em algumas atividades, como educação, turismo e entretenimento.

2.1 – O IMPACTO DO COVID-19 NA EDUCAÇÃO

Com a pandemia chegando ao Brasil com o período letivo em andamento, as instituições de ensino tiveram que pensar em uma solução para a não paralisação das aulas, de forma com que não prejudicasse o aprendizado e também não causasse atraso na formação, ao mesmo tempo que não se deveria colocar a vida dos alunos, professores e demais funcionários em risco. A primeira opção foi utilizar a tecnologia como instrumento de auxílio ao ensino, de forma que adotou-se o ensino remoto, ou como é mais conhecido, o Ensino à Distância (EAD).

As adaptações ao mundo digital ocorreram nas redes públicas e nas redes particulares de ensino, através da utilização de aplicativos de videoconferência, redes sociais e até mesmo a adaptação para a modalidade de Educação a Distância (EAD) através da criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Reaprender a ensinar e reaprender a aprender são os desafios em meio ao isolamento social na educação de nosso país. (CORDEIRO, 2020, p. 2)

A utilização de tecnologia para o ensino torna ainda mais evidente a desigualdade social no país, e também as diferenças entre o ensino público e o privado. Para assistir as aulas remotamente, é necessário possuir *notebook*, computador ou *smartphone* que tenha qualidade considerável para o acompanhamento das aulas sem maiores dificuldades, além da utilização da *internet* sem fio, o que não é a realidade de muitos alunos do ensino público.

Essa realidade pode ser demonstrada por Cidália Barbosa, mãe de Joaquim Barbosa de 10 anos que estuda em uma escola estadual na periferia de Belém. Em entrevista para o Brasil de Fato, em 2020, ela conta que a professora da escola do Joaquim chegou a cobrá-la, porque ele não estava acompanhando o conteúdo. Porém, todas as vezes em que a família tentou assistir as aulas, não conseguiu. "A gente não tem internet e mal tem um celular. No primeiro dia de aula, a gente não tinha acesso porque [o sinal] é muito ruim.

É difícil! Não dá para entender as aulas, não tem como ele aprender, não tem como. É muito complicado". (BARBOSA, 2020.)

Além da dificuldade devido à desigualdade social, outro fator é a saúde mental, em especial das crianças, e outros fatores que podem ser consequência de não poderem frequentar as escolas. Segundo Dias e Pinto (2020), o confinamento, a falta de contato com os colegas de sala e alguns medos ocasionados pela pandemia, tornam as crianças menos ativas do que se estivesse na escola, o que pode resultar até em problemas futuros.

Mesmo para aqueles que não possuem dificuldades maiores como citado anteriormente, o ensino remoto coloca no aluno e, também na família, uma responsabilidade de co-professor, o que acaba sendo um grande desafio para a criança que tem maior responsabilidade do que no ensino presencial, onde sua função era de receptor, e também para a família que muitas vezes não tem tempo hábil para acompanhar a criança ou ajudar na resolução de exercícios. Apesar de muitos trabalhadores estarem atuando em *home office*, o fato de estar em casa não significa estar disponível, para dar atenção aos filhos, além dos casos em que as aulas seguem no ensino a distância, porém, os responsáveis já retornaram para trabalho presencial e precisam se desdobrar para conseguirem um local seguro e algum tipo de assistência com outro adulto para que a criança possa assistir às aulas.

Ainda que o aluno do ensino fundamental pertença a uma geração que gosta e aceita todas as novas tendências tecnológicas, ele precisa do professor ao seu lado, para motivá-lo na construção do seu conhecimento. Esse aluno ainda não tem maturidade e disciplina para estudar na modalidade a distância, que requer um aluno autônomo. Já a autonomia é aprendida progressivamente com o tempo, não se consegue de uma hora para outra, o aluno se torna autônomo à medida que vai aprendendo (PARO, 2011, apud GROSSI; MINODA; FONSECA, 2020).

2.2– PANDEMIA E O TURISMO

Com o aumento dos casos de COVID-19 em vários países em uma rápida velocidade, as fronteiras logo foram fechadas e os voos restringidos, a fim

de conter a proliferação ainda maior do vírus e tentar diminuir as chances de variáveis.

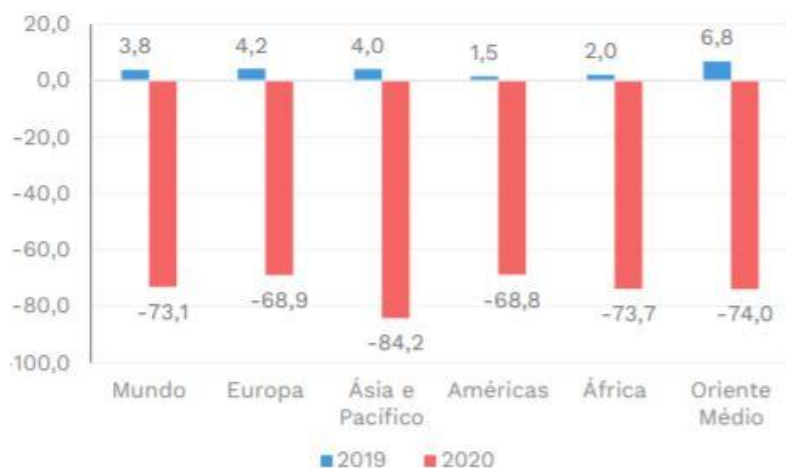
No Brasil, o turismo é uma importante atividade econômica, e de acordo com o Conselho Mundial de Viagens e Turismo, representou 7,7% do PIB brasileiro em 2019, alcançando R\$ 551,5 bilhões, além de ser responsável por 7,9% dos empregos e gerador de receitas cambiais.

De acordo com o IBGE, quando se fala o turismo compreende as áreas: hotéis e pousadas; bares e restaurantes; transporte rodoviário; transporte aéreo; outros transportes e serviços auxiliares dos transportes; atividades de agências e organizadores de viagens; aluguel de bens móveis; atividades recreativas, culturais e desportivas.

Em meados de fevereiro são diagnosticados os dois primeiros casos de Coronavírus no Brasil, na cidade de São Paulo, em pacientes recém chegados de viagens internacionais. No mês de março, os casos se multiplicaram pelo território brasileiro, resultando em decretos nas principais cidades, recomendando o fechamento do comércio de bens não essenciais e serviços. Nesse momento, todas as atividades relacionadas diretamente e indiretamente ao turismo foram fortemente impactadas. Desde o início do surto de COVID-19, o setor de turismo e transportes no Brasil retraiu -78,9% no seu faturamento (1º de março a 18 de julho), segundo o Índice Cielo de Varejo Ampliado – ICVA (CIELO, 2020, apud TOMÉ, 2020)

Com as fronteiras dos países fechadas para turistas, seguindo os protocolos de biossegurança da OMS, houve a drástica queda no número de turistas e conseqüentemente nas atividades que envolvem turismo. Segundo o Ministério do Turismo (2021), essa queda representa uma perda de 1,3 trilhões de dólares. No total mundial, o número passou de 3,8% em 2019 para -73,1% em 2020, ano em que o vírus se espalhou mundialmente, conforme o Gráfico 2 abaixo.

GRÁFICO 2 – TURISMO NO MUNDO



Fonte: Organização Mundial do Turismo, apud Ministério do Turismo (2020)

Em 2021, após um ano de pandemia, alguns países começaram a reabrir as fronteiras, exigindo em alguns casos uma quarentena específica, além do teste de COVID-19 negativado e comprovante de vacina. A previsão é que, com a chegada das vacinas aos países e a vacinação em massa, o turismo volte a funcionar, ainda que em passos lentos.

2.3– PANDEMIA E AS ATIVIDADES DE ENTRETENIMENTO

Além do turismo, outro setor que sofreu grande choque durante a pandemia foi o setor cultural de atividades de entretenimento, por demandar grande público, gerando aglomerações que não eram problema antes do COVID-19. Dentre os exemplos dessas atividades estão: shows, parques de diversão, teatros, cinema, etc. Vale ressaltar que esse setor não é composto apenas de empresas do ramo, mas também de autônomos, grupos e companhias, e instituições públicas e privadas.

Ferreira (2020) afirma que em 2018 o setor de entretenimento empregava mais de 5 milhões de pessoas, tendo movimentado mais de 226 milhões de reais em 2017. Como os demais setores da economia que tiveram que se adaptar à tecnologias durante a pandemia, com a cultura e entretenimento não foi diferente. Desde o começo do isolamento social, as *lives* de diversos artistas tiveram grandes repercussões, por proporcionar à população

um momento de descontração e entretenimento durante uma fase tão difícil para todos.

Muitos artistas se reuniram para organizarem *lives* musicais em prol de arrecadarem dinheiro destinado a organizações sociais de combate ao COVID-19.

Segundo Márcia Woods, presidente da ABCR, as *lives* são uma alternativa aos eventos de captação de recursos, que em razão do isolamento social não pode ser presenciais. Shows em plataformas digitais se tornaram importante fonte de arrecadação para organizações sociais que apoiam as populações mais vulneráveis. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

Woods (2020) afirma também que as *lives* foram uma forma de trazer inovação ao setor com recursos necessários e também uma forma de engajar os artistas para aproximação e preocupação com a sociedade em geral.

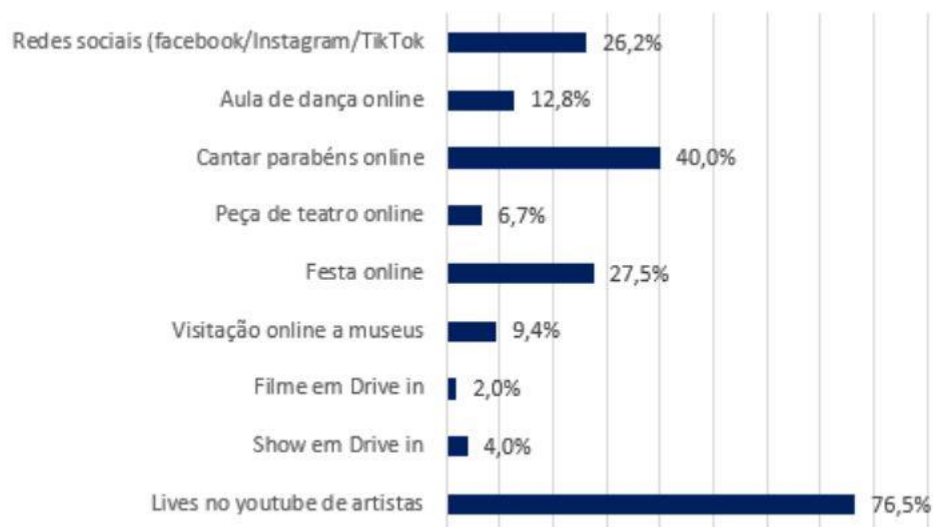
No Brasil, foram arrecadados milhões de reais via *lives*. Entre as cinco maiores arrecadações, estão: 1) Marília Mendonça em 8 de abril de 2020, com 3,3 milhões de reais arrecadados; 2) Jorge e Mateus em 4 de abril de 2020, com 3,16 milhões; 3) Gustavo Lima, em 11 de abril de 2020, com 2,76 milhões; Sandy e Júnior, em 21 de abril de 2020, arrecadando 2,54 milhões de reais; 5) Leonardo, no dia 1 de maio de 2020, tendo arrecadado 2,52 milhões de reais. Cada artista destinou o dinheiro arrecada a uma ong de sua preferência.

Para tornar possível a doação de dinheiro, plataformas de pagamentos digitais, como a *Picpay*, facilitaram o acesso á doação via aplicativo, sendo possível fazer o pagamento de diversas formas (como cartão, boleto, pix, etc), o que incentivou o público a doar.

As *lives*, além de serem uma forma de arrecadar fundos para importantes instituições, também foi a forma de sustento de muitos artistas menores e independentes, que utilizavam plataformas digitais como palco para apresentações em troca de valores simbólicos, quase que um ingresso.

No Gráfico 3 abaixo, pode-se observar como o período de isolamento social intensificou as alternativas á interação humana física, com o principal sendo o uso da tecnologia para atividades que antes eram feitas presencialmente (cantar parabéns em um aniversário, por exemplo), e também a intensificação no tempo de uso de redes sociais, que já eram utilizadas anteriormente.

GRÁFICO 3 - SERVIÇOS DE ENTRETENIMENTO QUE FORAM UTILIZADOS PELA PRIMEIRA VEZ DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA



Fonte: Ferreira (2020)

Conforme visto no Gráfico 3 acima, o isolamento levou à utilização de novos recursos tecnológicos, tanto por artistas quanto pelo público. As redes sociais tiveram um aumento significativo de utilização, e atividades que antes era feita com os conhecidos, como cantar parabéns e festas, foram “reproduzidas” virtualmente, e teve boa aderência do público (40% e 27,5%, respectivamente). O que teve maior destaque, com 76,5% de aderência do público foram as lives de artistas, o que foi visto anteriormente. Os que tiveram menor uso foram os que precisavam de deslocamento e utilização de carros, como filme e shows em drive-in. Pela análise dos números, fica claro que a população, durante o isolamento social, teve preferência realmente em atividades que ocorressem dentro de casa, utilizando plataformas digitais e não presencialmente.

Outro ponto de entretenimento que contabilizou crescimento durante o período de isolamento foram os serviços de *streaming*. Os serviços de *streaming* são os que possibilitam o usuário acessar conteúdo quando quiser, sem necessidade de *download*.

De acordo com pesquisa da Kantar IBOPE Media, 58% dos usuários de internet disseram que viram mais vídeo e TV online em streaming pago durante os períodos de isolamento. O tempo em frente à televisão aumentou 37 minutos diários e cada indivíduo passou cerca de 1h49 por dia assistindo a conteúdos em plataformas de streaming. “Tivemos necessidades geradas pela pandemia. O distanciamento social e a procura por novas formas de lazer indoor levaram as pessoas a experimentar mais e a encontrar na tecnologia a solução para alguns

dos impasses do momento, incluindo outras formas de se divertir e de compartilhar momentos com outras pessoas, mesmo que à distância”, pontua Arthur Bernardo Neto, diretor de desenvolvimento de negócios para media owners da Kantar IBOPE Media. (FORBES, 2021)

Serviços como a *Netflix*, *Amazon Prime*, *Globoplay* e outras plataformas de *streaming*, tiveram aumento significativo de assinaturas durante a pandemia, consequência de um maior número de pessoas dentro de casa e maior procura por filmes e séries como atividade de entretenimento.

Segundo a Forbes (2021), o Brasil ocupa hoje o segundo lugar de maior consumidor da plataforma *Netflix* em todo o mundo, e a plataforma atingiu, em 2020, a marca de 200 milhões de assinaturas, sendo 37 milhões de novas assinaturas somente durante o período de 2020, com 17,9 milhões sendo brasileiros. Com isso, a plataforma atingiu o faturamento estimado de US\$ 432 milhões no segundo trimestre de 2020, somente no Brasil.

Como visto neste capítulo, as novas formas de organização do país durante a pandemia e também as formas provisórias de entretenimento, movimentaram a sociedade e consequentemente a economia, especialmente a brasileira. No próximo capítulo, iremos analisar o real impacto dessa fase na economia do Brasil.

CAPÍTULO 3 – OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA ECONOMIA BRASILEIRA

Logo nos primeiros relatos do covid-19 em diversos países, muitas pessoas tiveram como pensamento o que seria da economia, e como o vírus poderia afetar o dia a dia no âmbito de trabalho, tanto de empresas quanto de trabalhadores autônomos. Neste capítulo, iremos analisar o impacto inicial causado pelo corona vírus na atividade comercial brasileira logo nos primeiros momentos, e também o desenrolar econômico ao longo da pandemia.

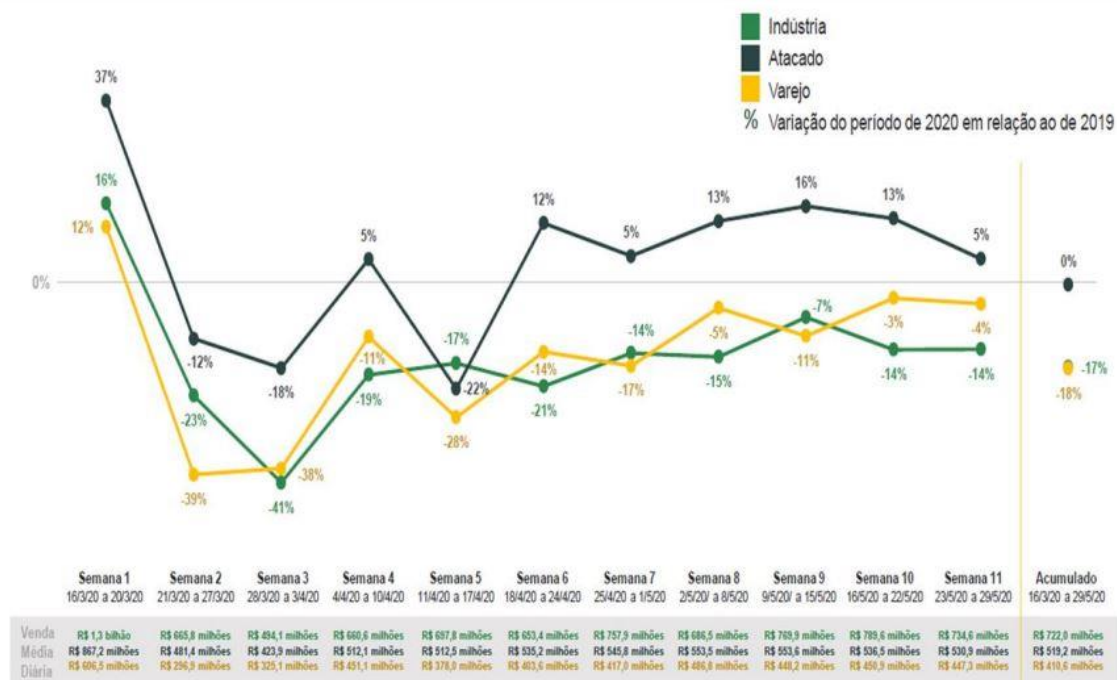
3.1 – AS PRIMEIRAS PREVISÕES EM 2020

As previsões para 2020 em relação a economia brasileira era que tivesse um aumento maior que em 2019, segundo Maria Carolina Gullo, 2020. Com a chegada do vírus na América Latina, o Brasil teve uma defasagem em relação a outros países até o vírus ser tratado com o devido cuidado por parte do Governo Federal. Se adicionou então, além do estrago do vírus em sí, a demora do Governo a tomar medidas de contenção, devido ao negacionismo do mesmo.

Tendo o isolamento social como uma das formas de conter a proliferação do covid-19, o funcionamento dessa fase foi somente de atividades essenciais, como mercados, hospitais, farmácias, etc. Em primeiro momento, as demais atividades não essenciais ficaram em um “limbo”, sem saber como seriam as próximas semanas e sem perspectiva inicial de retorno.

No Gráfico 4 abaixo, podemos ver a diferença entre as vendas nas primeiras semanas de intensificação do vírus no Brasil:

GRÁFICO 4 - EVOLUÇÃO DAS VENDAS, POR ATIVIDADE, VARIAÇÃO DA VENDA MÉDIA DIÁRIA NO PERÍODO DA COVID-19



Fonte: Gullo, (2020, p. 3), apud Sefaz-RS, 2020.

De acordo com o Gráfico 4 acima, nota-se que as atividades de varejo (isto é, a venda de produtos diretamente para o consumidor), por exemplo, que antes tinham movimentação positiva, tiveram uma queda de -39% em variação do período de 2020 em relação a 2019, logo na primeira semana de “caos” no Brasil.

A primeiro momento, duas coisas pontuaram a economia: as medidas de contenção do vírus, como o isolamento social – e consequentemente menos consumidores nas ruas e passeando em *shopping centers*, por exemplo – e a falta de previsão de como seria o futuro das empresas, necessidade de se reinventar, congelamentos de produção, entre outras coisas. Essa junção causou um impacto inicial sobre como a saúde humana pode afetar a economia, e como a economia depende dos seres humanos.

3.1.1 – O AUMENTO DE *DELIVERY* NO BRASIL

Os restaurantes, parte do ramo alimentício, foram um dos setores que sofreram com as formas de contenção do vírus, em especial o isolamento social. Martins (2020) afirma que o setor de Alimentação Fora do Lar é um dos

segmentos que mais emprega no Brasil, sendo um milhão de negócios e seis milhões de empregos em todo o país, representando 2,7% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Em 2019, As famílias gastaram, em média, R\$ 658,23 mensais com alimentação, sendo 67,2% (R\$ 442,27) com alimentos consumidos no domicílio e 32,8% (R\$ 215,96) com alimentação na rua, ou seja, em restaurantes, bares e lanchonetes.

Segundo Finkler, Antoniazzi e Conto (2020), as estimativas apontavam para uma redução inicial do Produto Interno Bruto (PIB) do setor gastronômico de 38,9% em relação a 2019 de acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2020). Quanto aos restaurantes, as perdas econômicas estão na ordem de R\$50 bilhões. Consequência da queda do faturamento, houve a necessidade de diminuição do quadro de funcionários dos restaurantes. Ainda segundo o autor, 61,8% dos bares e restaurantes ouvidos pela Associação Nacional de Restaurantes (ANR) precisaram demitir parte dos funcionários, e a estimativa inicial era de 600 a 800 mil trabalhadores demitidos no setor.

Visando diminuir o impacto no setor, houve auxílio do governo federal às empresas, entre eles: redução da taxa de juros para 3,75%, liberação de R\$ 15 bilhões em benefícios para trabalhadores informais e autônomos, postergação de pagamento de dívidas em até 60 dias e o adiamento de três meses do pagamento de tributos federais para empresas.

Houve também ajuda do setor privado, segundo Martins (2020), com o surgimento do movimento “Nós”, que reuniu oito das maiores empresas do setor da indústria alimentícia para socorrerem as pequenas empresas do atacado e do varejo que abastecem os estabelecimentos de Alimentação Fora do Lar. Houve investimento de mais de R\$ 370 milhões para beneficiar cerca de 300 mil pequenos comércios no país, com ações que iam desde a renegociação de prazos para o abastecimento até a distribuição de kits de higiene e cartilhas para orientar os empreendedores a seguir as novas normas de segurança e saúde solicitadas pelos governos estaduais. Como os restaurantes fazem parte também da receita do turismo, houve ações também do Ministério do Turismo para tentar conter essa crise.

O governo brasileiro, especificamente o Ministério da Economia, se posicionou diante a crise causada pela pandemia e lançou um conjunto de medidas emergenciais com o intuito de amenizar os impactos na economia. Dentre as principais estão o adiamento do pagamento do PIS,

Pasep, Cofins e contribuição para a previdência por empresas, o adiamento de pagamento dos impostos federais no Simples Nacional, o adiamento no recolhimento do FGTS pelas empresas, a pausa de prestações nos financiamentos da Caixa Econômica Federal, a carência de até 90 dias para novas contratações de crédito comercial com a Caixa, a redução da jornada de trabalho e a suspensão do contrato de trabalho (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020). O Ministério do Turismo, também no intuito de minimizar os impactos do setor e ajudar o país e milhões de brasileiros que dependem desse tipo de atividade para viver, produziu um manual orientador para o setor e para os consumidores e lançou uma grande campanha com chamamento aos turistas para que não cancelem as viagens, #NaoCanceleRemarque, que foi divulgado a partir de março do corrente ano. (MARTINS, 2020)

Como forma de tentar conter a perda econômica, muitos restaurantes resolveram apostar nas formas de delivery para aumentar suas vendas. Utilizando o *delivery*, os restaurantes que estavam fechados (por tempo indeterminado, visto que a recomendação era o isolamento social) tiveram uma forma de retomar suas atividades, oferecendo os pratos que eram vendidos presencialmente, também no *online* para entrega, ou seja, para consumo fora do estabelecimento.

O *delivery* e seus aplicativos (como *iFood*, *Uber Eats*, *Rappi*, etc) já existiam e eram utilizados antes mesmo da pandemia justamente pela sua facilidade, utilizando as plataformas para escolher em um cardápio virtual de cada restaurante, fazer o pedido e receber em casa. Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes - ABRASEL, o sistema de *delivery* movimentou em 2019 cerca de R\$11 bilhões por ano, ano anterior a pandemia no Brasil.

No ano em que o vírus se espalhou para o mundo, e conseqüentemente no Brasil, 2020, o *iFood* teve crescimento de 250% durante o período, segundo dados da consultoria *Food Consulting* divulgados pelo Diário do Comércio, e se tornou uma grande ferramenta aliada do isolamento social.

O que está por trás deste crescimento, de acordo com Diego Barreto, vice-presidente de estratégia do *iFood*, é a capacidade em tempo real de compreensão de comportamentos e cenários, o ajuste constante dos produtos e a correta alocação de capital. Ter velocidade nas decisões, trabalhar com ciclos curtos e digitalização dos processos foi justamente o que, segundo o executivo, garantiu a popularização do aplicativo em meio à pandemia. (...) Forçados a ficar em casa, Barreto diz que os brasileiros passaram por um curso intensivo de digitalização - muitos que nunca haviam consumido nenhum produto dessa forma, passaram a utilizar a ferramenta diariamente. Ou seja, a pandemia forçou a entrada de novos usuários, acelerou a chegada de alguns e fortaleceu a presença de outros. (MISSIAGGIA, 2020.)

Segundo a revista Exame, os pequenos e médios restaurantes tiveram aumento de vendas de 44% na comparação entre março e junho de 2020 tendo neste último 18 milhões de pedidos. O surto de covid-19 intensificou o uso do aplicativo de *delivery*, tanto por parte dos consumidores quanto dos empreendedores. Um exemplo interessante de como o vírus impactou a rotina alimentícia dos brasileiros, é que como isolamento social interferia na prática comum de frequentar padarias de manhã, isso refletiu nos *deliverys*: entre março e junho de 2020, as padarias tiveram crescimento de venda de 156% no aplicativo.

Em matéria disponibilizada pela CNN Brasil, revela-se que em 2021 – ainda pandemia – os gastos com delivery no país somaram R\$ 40,5 bilhões, representando 24% a mais que o ano anterior, e aponta ainda que o tráfego total de visitantes em sites e aplicativos da categoria subiu 13%, para 2,2 bilhões de acessos.

Como previsões para o ano atual, especialistas do Instituto *Foodservice* Brasil preveem um crescimento de 5% em gastos no setor de alimentação fora do lar.

3.2 – O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DURANTE A PANDEMIA

Segundo Paiva (2020), o caso do Brasil frente à pandemia agrava-se por enfrentarmos quatro grandes crises simultâneas: sanitária, econômica, política e comportamental, além do negacionismo do governo e de parte da população. A primeira resposta numérica do grande impacto da pandemia, veio com o PIB brasileiro. Em 2020, teve queda de 4,1% em relação a 2019, fechando em R\$ 7,4 trilhões.

Os recursos financeiros destinados pelo governo federal para as medidas para amenizar os danos da Covid-19 alcançaram R\$ 604,75 bilhões em 2020, dos quais foram gastos apenas R\$ 524,02 bilhões, deixando em caixa o montante de R\$ 81 bilhões. Dentre as medidas, destaca-se o montante de R\$ 322 bilhões separados para o auxílio emergencial, porém dos quais apenas R\$ 293 bilhões foram efetivamente liberados em 2020. (PAIVA, 2020)

Ainda segundo Paiva (2020), o Brasil seguiu um estilo de gestão chamado *stop and go*, isto é, quando há piora dos dados de saúde dos

brasileiros, fecha-se a economia, e quando há melhora nestes dados, a economia volta a abrir.

A ajuda governamental que deveria ser dada aos cidadãos não é realista quanto ao valor, vista que o valor oferecido como auxílio emergencial pelo governo brasileiro foi de R\$ 600,00 em 2020, pagos em parcelas, e entre R\$ 150,00 e R\$ 375,00 em 2021, de acordo com a Caixa Econômica Federal (Valores levantados no site oficial da Caixa Econômica Federal, na sessão Auxílio Emergencial). Levando em consideração que o valor médio dos gastos das famílias brasileiras é de R\$ 4,6 mil por mês, de acordo com a divulgação do IBGE em seu site, em 2019, nota-se que se o trabalhador depender somente do valor oferecido pelo governo, ele não consegue suprir suas necessidades. Este fator ocasiona inadimplência, não pagamento de contas, alimentação, habitação e etc., pois o trabalhador não tem o dinheiro para consumir, um efeito dominó, pois a falta de consumo dele vai impactar em diversos outros setores.

De acordo com artigo de Rosa Maria Marques et al. (2020), as medidas tomadas pelo governo para tentar conter o desemprego decorrente do Covid-19 foram: 1) Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda - o programa visa manter os empregos reduzindo a jornada de trabalho por três meses, reduzindo assim os salários pagos pela empresa. A diferença salarial do novo para o anterior seria paga pelo governo por meio do Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda; 2) Linha de crédito para pequenas e médias empresas: financia até dois salários mínimos por trabalhador, contanto que a empresa não demita o funcionário durante dois meses. (MARQUES et al. 2020. p. 311-2). Mesmo com essas medidas, o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) registrou, em janeiro de 2021, 14.3 milhões de brasileiros desempregados.

A empresa de consultoria e auditoria americana Deloitte Brasil divulgou em junho de 2020 um estudo sobre como a Covid-19 impacta os setores econômicos: bens de consumo e varejo e manufatura.

No setor de bens de consumo e varejo, o isolamento social e o fechamento das lojas por recomendação do governo faz com que as vendas físicas sejam inviabilizadas e haja queda no consumo. O consumidor, impossibilitado de comprar presencialmente, passa a fazer mais compras online

nos chamados *e-commerce*, gerando alta demanda de serviços logísticos e congestionamento no mesmo.

As vendas via *e-commerce* se intensificaram muito durante a pandemia, pelo mesmo motivo do aumento de *delivery*: o isolamento social fez com que o consumidor recorresse à compra online de produtos que antes eram comprados pessoalmente. Segundo a revista Exame, a necessidade, combinada com a intensificação da vida doméstica, fizeram com que mais de 7 milhões de brasileiros comprassem online pela primeira vez no 1º semestre de 2020. Em outubro de 2021, a revista *E-commerce Brasil* revelou que no período anterior a pandemia, os e-commerces representavam 9,2% da receita do comércio varejista brasileiro, e em julho de 2020 (quarto mês de pandemia), o número passou a ser 19,8%, alcançando 21,2% na data da publicação.

O estudo mostra que todo o varejo foi afetado por causa das restrições mais severas ao funcionamento das lojas físicas. No entanto, as companhias com participação das vendas online no faturamento acima da média do mercado sofreram menos e registram uma demanda ainda importante por seus produtos, observa Tobler. Outro resultado significativo apontado pela sondagem da FGV é que 49,7% das empresas – quase a metade – não faziam nenhuma venda online antes da pandemia. Em julho do ano passado, essa fatia tinha recuado para 28,4% e em junho este ano estava em 20,2%. (E-COMMERCE BRASIL, 2021)

Pode-se observar, então, que à medida que as lojas presenciais sofreram grave queda nas vendas, as lojas virtuais tiveram uma grande procura e números de venda online, fornecendo ao consumidor uma alternativa a compras e fazendo com que a necessidade de venda por parte da loja fosse suprida.

O setor de manufatura foi altamente afetado, principalmente na área de embalagens e químicos. Com a população ficando mais tempo em casa há, além da grande quantia de compras por *delivery*, maior consumo de alimentos e bebidas em mercados, sendo maior a demanda por embalagens e sua matéria prima (vidros, alumínio, papelão, etc). A fim de evitar contaminação, cresce também a procura por itens de higiene como sabonetes/sabão e álcool em gel. Na parte de eletrônicos, houve paralização temporária das indústrias por falta de insumos. (DELOITTE BRASIL. 2020).

Já nos setores que foram impactados positivamente durante a pandemia, segundo a FGV, temos:

1 – Mercado Farmacêutico:

Com a crise de saúde pública, este setor se manteve positivo assim como a área da saúde em geral, além de serem considerados serviço essencial e se mantido aberto no período de isolamento, o seu fornecimento de produtos como máscara, álcool em gel e medicamentos para sintomas de covid-19 e outras doenças fez com que tivessem bons números no setor, sendo registrados mais de 85,70% de crescimento nas vendas online e vendas gerais de R\$ 79,2 bilhões entre janeiro e julho de 2020.

2 – *Delivery*

Como visto anteriormente neste capítulo, com as medidas restritivas, o setor – que já fazia sucesso anteriormente – ganhou importância ainda maior. Lojas, bares e restaurantes apostaram no setor visando a sobrevivência de seus negócios, e empresas que já utilizavam as plataformas conseguiram ver suas vendas aumentarem ainda mais. Segundo pesquisa da Associação Brasileira de Franchising em 2020, no início da pandemia, o faturamento de *delivery* era de 18% e saltou para 36%.

3 – *E-commerce*

Como também visto neste capítulo, lojas físicas tiveram que se reinventar para suprir a falta das compras presenciais, apostando no modelo do *e-commerce* de vendas online. No Brasil, o *e-commerce* atingiu R\$53,4 bilhões no primeiro semestre de 2021, crescendo assim em 31% em relação ao mesmo período do ano anterior. O departamento esportivo se destacou bastante durante o primeiro semestre, com expansão de 37% no volume de vendas e 14% nos pedidos por *delivery*. O consumo voltado para moradia e decoração, por exemplo, também teve uma alta de 155% em vendas e de 67% em pedidos.

4 - Logística

As empresas tiveram que adotaram diversas mudanças em prol da produtividade e manutenção do bom funcionamento do setor, que é responsável não só pelas operações internacionais, como também as nacionais, de entrega e distribuição de produtos, entre eles os considerados essenciais na

quarentena. Com o crescimento do e-commerce, por exemplo, a necessidade de mais entregas nacionalmente afetaram positivamente o setor.

3.3 – CRISE DIPLOMÁTICA E IMPACTOS ECONÔMICOS CAUSADOS POR ELA

Como visto no capítulo 1, a forma como o Governo Federal conduziu a pandemia do coronavírus desde os primeiros casos no Brasil e os diversos ataques a China foram um ponto de partida para uma crise diplomática.

Além de importante parceiro comercial do Brasil, a China é também um dos principais produtores de matéria-prima de vacinas contra a covid-19. Em algumas das insinuações, o presidente Jair Bolsonaro sugeriu que o país teria se beneficiado financeiramente da pandemia, que o vírus teria sido criado em laboratório e a crise sanitária se tratava, na verdade, de uma guerra química.

Entre alguns incidentes diplomáticos, estão:

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou por algum ser humano [que] ingeriu um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que não estamos enfrentando uma nova guerra? Qual o país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês – JAIR BOLSONARO, reprodução Jornal R7, 2021

Sobre a vacina:

Da China não compraremos. Não acredito que ela transmita segurança para a população pela sua origem. Esse é o pensamento nosso. (...) A da China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população. Até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido lá." – Jair Bolsonaro, reprodução Jornal R7, 2021

Ainda sobre a vacina, vale resgatar: "Até os foguetes da Nasa já são privados. Estado quebrou, não consegue mandar todo ano um homem para lua. Estados Unidos têm indústria forte. Chinês inventou o vírus e a vacina dele é pior que a americana. Toma aqui a Pfizer" – (PAULO GUEDES, reprodução Jornal R7, 2021)

A crise diplomática com a China teve início ainda antes da pandemia e logo na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, quando a China alertou que se o presidente seguisse a linha de Donald Trump – presidente dos Estados Unidos na época – de romper acordos, a economia brasileira sofreria as consequências.

Segundo a BBC News, embora muitos no Brasil considerem a China dependente das importações brasileiras de itens como soja, carne, minério de ferro, açúcar e celulose, o governo chinês tem buscado novos fornecedores, utilizando a Austrália como exemplo de “retaliação”, a China adotou medidas econômicas contra este outro importante parceiro comercial, como reação a críticas de autoridades australianas que pediram uma investigação internacional sobre a origem do coronavírus. Pequim elevou barreiras parciais sobre a carne australiana, taxou em 80% a importação de cevada do país e desencorajou chineses a estudarem ou fazerem turismo na Austrália, devido a "numerosos casos de discriminação contra asiáticos". O Brasil aparece atrás da Austrália no ranking de parceiros comerciais do país, demonstrando então que a China não hesitaria ao promover sanções ao Brasil.

Em outubro de 2021, o Brasil contava com um embargo imposto pelo governo da China, onde o país não estava comprando carne do Brasil, uma das maiores exportações. O embargo se deu após o Brasil interromper a exportação da carne em setembro do mesmo ano, devido a confirmação de dois casos de outra doença em duas fábricas. Mesmo pós o controle da doença, a China não voltou a comprar carne, e o presidente Jair Bolsonaro foi aconselhado a agir diplomaticamente com o governo chinês para tentar derrubar o embargo, onde o presidente faria uma sinalização pública sobre a importância das relações comerciais com a China.

Segundo o Jornal da USP, essa crise com China ressalta isolamento diplomático do Brasil.

Recentemente, acompanhamos a dificuldade que o Brasil enfrentou, junto à China, para garantir a importação dos insumos para as vacinas contra a covid-19. Não se trata de um fato isolado, na verdade, o Brasil é que está isolado diplomaticamente, por causa de alianças erradas, como a feita com o ex-presidente Donald Trump. A política externa brasileira é feita por ideologias. O governo nega a pandemia de coronavírus e faz duras críticas à vacina produzida naquele País, sobre sua confiabilidade e eficácia. (JORNAL DA USP, 2021)

O relacionamento e a forma com que o Brasil trata seu principal parceiro comercial, a China, prejudica os negócios do país, e por isso, a política externa brasileira necessitaria de mudanças urgentes. Em 2021, a China representou 31,28% das exportações e 21,72% das importações brasileiras, gerando US\$ 87,696 bilhões em exportações para o nosso país.

3.4 – DESIGUALDADE SOCIAL E PANDEMIA

A pandemia de covid-19 acabou acentuando um problema que já assolava o Brasil e o mundo há muito tempo: a desigualdade social.

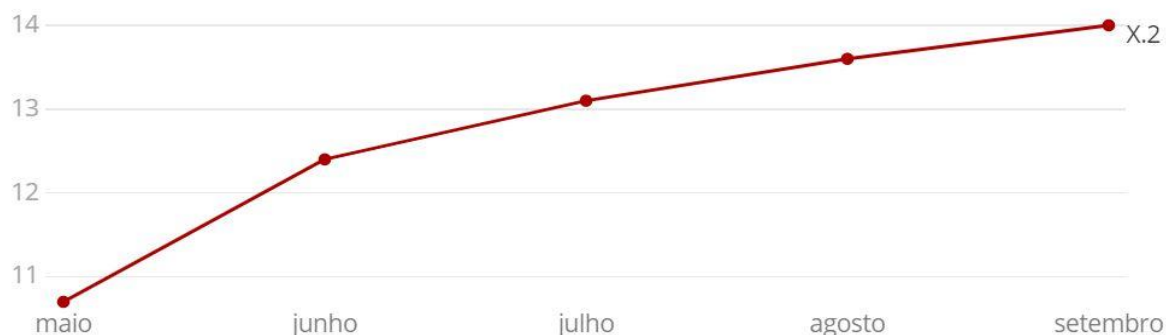
De acordo com Costa (2020), além da crise sanitária do país causada pelo vírus, uma das consequências da pandemia é o aumento do desemprego e, conseqüentemente, a elevação da informalização do trabalho, dos empregos terceirizados, subcontratados, flexibilizados, dos trabalhadores em tempo parcial e do subproletariado. Essas consequências são também uma das marcas do capitalismo liberal – e seguida pela equipe econômica do governo Bolsonaro – com a crescente informalização do trabalho. Hoje, mais de 50% da classe trabalhadora se encontra na informalidade, no sentido de ser desprovida de direitos, fora da rede de proteção social (sem ter políticas voltadas a protegê-la da fome e da pobreza) e sem carteira de trabalho. Para a autora, o desemprego ampliado, a precarização exacerbada, o rebaixamento salarial acentuado e a perda crescente de direitos definem o cenário cada vez mais frequente da classe trabalhadora.

Durante a pandemia, o impacto nas atividades geradoras de renda é ainda mais severo para os trabalhadores desprotegidos e para os grupos mais vulneráveis e que estão nos empregos informais. Em muitos países, incluindo o Brasil, além das demissões, é a diminuição da jornada de trabalho, diminuindo os salários conseqüentemente. No Brasil, o crescimento no número de demissões na pandemia se deu em vários setores, com destaque para os serviços, como hotelaria, bares e restaurantes.

No Gráfico 5 abaixo, pode-se observar como a taxa de desemprego teve alta durante acelerada logo nos primeiros meses da pandemia, em 2020, saltando de 11% em maio para 14% em setembro, subindo assim 3 pontos percentuais em apenas 4 meses.

GRÁFICO 5 - TAXA (EM %) DE DESEMPREGO NO BRASIL

Indicador teve alta mensal diante da pandemia e bateu recorde em setembro.

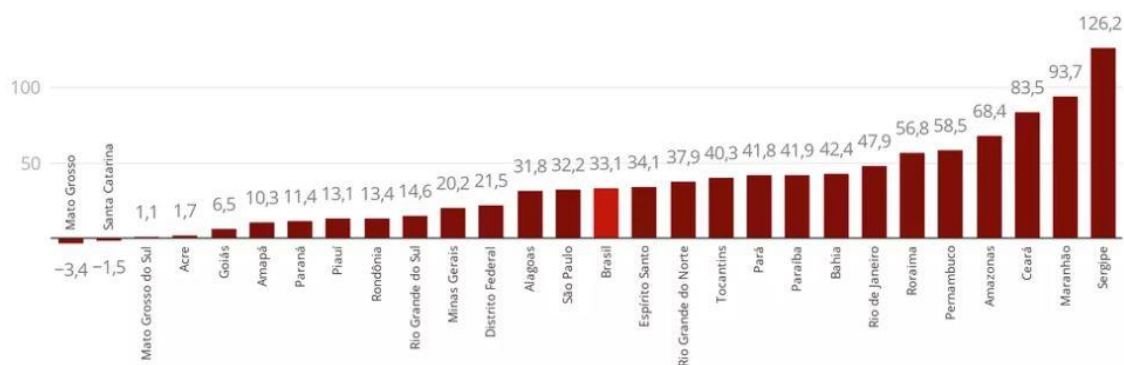


Fonte: Economia/G1, apud IBGE (2020)

Como visto no Gráfico 5 acima e mencionado pelo Jornal G1 (2020) utilizando dados do IBGE, o Brasil encerrou o mês de setembro de 2020 com 13,5 milhões de desempregados, cerca de 3,4 milhões a mais que em maio, o que representa uma alta de 33,1%, e a taxa de desemprego ficou em 14%.

Sendo o número da alta nacional de desemprego 33,1%, é ainda mais assustador os números de desemprego considerando os estados brasileiros. No Gráfico 6 é possível observar que apenas dois estados tiveram diminuição do desemprego: Mato Grosso e Santa Catarina.

GRÁFICO 6 - VARIAÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO (%) ENTRE MAIO E SETEMBRO, POR UF



Fonte: Economia/G1, apud IBGE (2020)

Conforme mostrado no Gráfico 6, os estados do nordeste foram os que mais tiveram desvantagens, sendo Sergipe o que apresentou a maior variação,

com alta de 126,2%, seguido pelo Maranhão, com avanço de 93,7%, e Ceará, com aumento de 83,5%.

Segundo reportagem da revista *Veja* (2021), os dados de desemprego estão atrelados a uma maior informalidade e ao aumento de trabalhadores sem carteira assinada, de acordo com o que mostra uma Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Ainda segundo a pesquisa, o número de trabalhadores sem carteira no setor privado, que totaliza 11,7 milhões de pessoas, aumentou 23,1% em um ano — assim cerca de 2,2 milhões mais brasileiros estão trabalhando sem os direitos das leis trabalhistas. Em relação ao trimestre anterior a pesquisa, o aumento é de 10,2%, aproximadamente 1,1 milhão de pessoas.

A reportagem mostra que as condições do mercado de trabalho durante a pandemia têm levado muitos trabalhadores a optarem pelo emprego informal. O número de trabalhadores por conta própria, que totalizava na época 25,5 milhões de pessoas, cresceu 3,3% no terceiro trimestre. Em um ano, o aumento é de 18,4%, aproximadamente de 4 milhões de pessoas. O aumento da informalidade também tem levado a rendimentos menores e postos de trabalho que exigem menor qualificação, e conseqüentemente remuneram menos. O rendimento real habitual (2.459 reais) recuou 11% em um ano e caiu 4% em comparação ao trimestre anterior.

Para o enfrentamento do desemprego neste contexto, Costa (2020) traz a provocação de que o governo brasileiro vem respondendo de forma muito tímida aos problemas decorrentes da crise e está indo num caminho que não contribui para uma rápida saída dela. A urgência da situação da crise econômica durante a pandemia requer a adoção de políticas públicas de emprego e transferência de renda que protejam os trabalhadores que vivem na informalidade enquanto as atividades estiverem paralisadas. No longo prazo, o país precisará de uma política de desenvolvimento que implique o abandono da austeridade fiscal e o aumento dos gastos em programas sociais já existentes. Os trabalhadores formais e informais precisam, então, de programas sociais que gerem emprego e renda, promovam uma melhoria nas condições de habitabilidade das comunidades e dos assentamentos precários, e necessitam de proteção social, como visto anteriormente. A saída da crise para a autora exige o abandono da austeridade e a injeção de recursos para a saúde e os

setores que possuem gargalos. Como os assentamentos precários precisam de urbanização e a população residente necessita de emprego, uma medida de enfrentamento da crise seria elevar os recursos para investimento em habitação de interesse social por meio dos bancos de desenvolvimento. Tais medidas contribuem para melhorar a saúde e a qualidade de vida da população mais carente, bem como alavanca diversos outros setores da economia, como o da construção civil.

Ao passo de que milhões de brasileiros se encontram no desemprego e beirando a pobreza extrema, e o mesmo foi visto em diversos países que tiveram queda no índice de desemprego, 5,2 milhões de pessoas se tornaram milionárias (valor em dólar) em 2020, mesmo ano em que a pandemia agravou os números de desemprego, afetando grande parte da população mundial.

O contraste entre o que aconteceu com a riqueza das famílias e o que está acontecendo na economia em geral nunca pode ter sido mais gritante”, diz o relatório. O estudo mostra que os mais ricos se beneficiaram ainda mais da resposta política à crise que inflou os ativos, enquanto o fosso entre ricos e pobres aumentou na maioria dos países. (VALOR ECONÔMICO, 2021)

De acordo com informações da Forbes divulgadas pela CNN Brasil (2021), os bilionários da lista da Forbes ficaram US\$ 5 trilhões mais ricos durante a pandemia, e, somente durante a pandemia, 493 pessoas entraram para lista de novos bilionários, um novo bilionário a cada 17 horas num período de 12 meses. Grande parte do aumento foi impulsionado por fortes ganhos nas bolsas de valores, que foram auxiliadas por governos injetando dinheiro na economia global para amenizar o golpe financeiro do coronavírus. Com o aumento das compras online, a multinacional varejista *Amazon* teve crescimento de US\$ 64 bilhões comparado ao ano anterior, resultado da alta das ações da empresa que cresceu ainda mais em meio à pandemia, contribuindo ainda mais para a fortuna do CEO da empresa, Jeff Bezos (O homem mais rico do mundo desde 2016).

Como forma de tentar conter essa desigualdade social desenfreada, uma medida válida seria a taxação de grandes fortunas, com imposto sobre os lucros corporativos excedentes, um imposto único sobre a riqueza dos bilionários e um imposto sobre a riqueza dos super-ricos.

A consequência da pandemia para diferentes classes sociais (classe trabalhadora X bilionários) mostra quão intensa é a desigualdade social no mundo, e, em especial, no Brasil. Ao passo de que muitos perderam seus

empregos e se viram sem esperanças, pessoas ricas ficaram ainda mais ricas, se beneficiando assim, de uma tragédia pandêmica.

Considerações finais

A presente monografia teve como preocupação destacar o impacto da pandemia do COVID-19 na economia brasileira, contribuindo para a análise de um momento tão delicado e atual, a fim de entendermos do que se tratou este momento e o porque de desencadear em uma crise não somente de saúde, mas também econômica.

Vimos no primeiro capítulo uma apresentação do que se tratou esta pandemia e também a triste reação do governo brasileiro frente a esse grande desafio enfrentado ao redor do mundo. Analisamos no segundo capítulo os impactos da pandemia na sociedade, no que se diz respeito a atividades cotidianas que tiveram total modificação seguindo o "novo normal", como shows musicais sendo substituídos por lives e aulas presenciais por ensino a distância. No terceiro e último capítulo, analisamos e quantificamos o impacto econômico da pandemia no Brasil, passando por crises diplomáticas e finalizando com uma triste consequência: o aumento na desigualdade social.

Conforme abordado ao longo desta monografia, a pandemia do coronavírus além de uma crise de saúde pública, teve consequência direta no cotidiano da população e na economia, não só brasileira mas também mundial. É notável que o setor de turismo sofreu queda drástica devido a fronteiras fechadas e protocolos de segurança seguidos pelos turistas, causando prejuízo de trilhões de dólares. Empresas de eletrônicos paralizaram devido a falta de insumos e o setor de manufatura sobrecarregado. Em contrapartida, houve crescimento em áreas que utilizaram tecnologias, como o crescimento do *e-commerce*, o aumento de assinaturas de *streamings* no Brasil, e a maior utilização de *delivery*, como o *Ifood* que auxiliou a alimentação na época de reclusão.

É importante refletir que apesar de consequências negativas na economia, a pandemia se tratou de um momento atípico em nossa sociedade, e as regras fornecidas pela OMS tiveram grande importância na contenção do vírus. Vemos hoje os problemas econômicos do nosso país sendo tratado pelo atual presidente como consequência do que ele chama de "turma do fica em casa", referência a pessoas e empresas que aderiram as normas da OMS para prevenção da doença. Porém, é importante lembrar que as medidas deveriam

sim ser cumpridas, a fim de mitigar mortes e evitar proliferações, e que o impacto econômico da pandemia poderia ter sido muito mais breve e brando (seja em infectados, mortes, e na economia) se o governo federal tivesse dado a devida importância desde o início e seguido protocolos fornecidos pela organização em questão, praticado por outros países.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Catarina. **EaD: Desigualdade social escancara abismo entre escolas públicas e particulares.** Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/07/19/ead-desigualdade-social-escancara-abismo-entre-escolas-publicas-e-particulares>> Acesso em: Agosto de 2020

Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. **Instituto Butantan**, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>> Acesso em: Fevereiro de 2022

CORDEIRO, Karolina M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino.** Manaus, pg.1-15, 2020.

Delivery movimenta R\$11 bilhões por ano. **ABRASEL**, março de 2019. Disponível em: <https://abrasel.com.br/noticias/noticias/delivery-movimenta-r-11-bilhoes-porano-enquanto-franquias-de-alimentacao-diversificam-a-oferta-de-produtos/>. Acesso em: 20 maio 2020.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima C. F. **A Educação e a Covid-19.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020.

FERREIRA, Tiago A. Q. **ENTRETENIMENTO E SUAS ADAPTAÇÕES EM ÉPOCA DE PANDEMIA.** Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente. Rio Grande do Sul, pg. 1-13, novembro de 2020.

FINKLER, R., Antoniazzi, N., De Conto, S. M. **Os impactos da pandemia de COVID-19: uma análise sobre a situação dos restaurantes.** Revista Turismo & Cidades, v 2, pg 88–103, 1 de outubro de 2020.

FURTADO, Nielsen. **Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”.** Diário SINDSEP, Maranhão, Ano XIX Nº 4134, pg 1-2, 22 de janeiro de 2021.

GARCIA, Diego. ‘Efeito Bolsonaro’ sobre alta nos casos de coronavírus surpreende pesquisadores. **Folha de São Paulo**, 12 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/efeito-bolsonaro-sobre-alta-nos-casos-de-coronavirus-surpreende-pesquisadores.shtml>> Acesso em: Março de 2022

GROSSI, Marcia G. R; MINODA, Dalva S.; FONSECA, Renata G. P. **Impacto da pandemia do COVID-19 na educação: reflexos na vida das famílias.** Teoria e Prática da Educação, v. 23, n.3, p. 150-170, set./dez. 2020.

GULLO, Maria Carolina. **A Economia na Pandemia Covid-19: Algumas Considerações.** Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, 12 (3 – Especial Covid 19), pg. 1-8, Junho de 2020.

MARTINS, M. L. A. **A pandemia pela COVID-19 e o impacto no setor de alimentação fora do lar: um panorama.** UFRRJ Área de Alimentos e Bebidas, Rio de Janeiro, pg 1-9, outubro de 2020.

McKIBBIN, Warwick J.; FERNANDO, Roshen. **The Global Macroeconomic Impacts of COVID-19: Seven Scenarios.** Camberra: Centre for Applied Macroeconomic Analysis Australian National University, 2020.

MISSIAGGIA, Mariana. Como o iFood transformou o delivery em 2020. **Diário do Comércio**, 2020. Disponível em: Diário do Comércio (dcomercio.com.br)

MOREIRA VG, Canedo AC, Mello RGB. **SARS-COV-2: A primeira onda de contaminação e suas barreiras para o manejo das doenças crônicas.** Geriatr Gerontol Aging. Pg. 149-51, outubro de 2020.

Novo estudo mostra origem do primeiro paciente de covid no mundo. **Exame**, 19 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/estudo-origem-covid/>> Acesso em: Fevereiro de 2022

OMS estima que pandemia causou morte de 14,9 milhões de pessoas. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, 6 de maio de 2022. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/180735-oms-estima-que-pandemia-causou-morte-de-149-milhoes-de-pessoas>> Acesso em: Abril de 2022

PAIVA, Claudio Cesar de; PAIVA, Suzana C. F. **No Brasil, impacto econômico da pandemia será forte e duradouro.** Jornal da UNESP, 2021. Disponível em: < <https://jornal.unesp.br/2021/07/02/no-brasil-impacto-economico-da-pandemia-sera-forte-e-duradouro/>>

REIS, Giovanna. **Lives levantaram R\$ 17,6 milhões em doações durante a pandemia.** Folha de S. Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/06/lives-levantaram-r-176-milhoes-em-doacoes-durante-a-pandemia.shtml>> Acesso em: Novembro de 2020

ROCHA, Lucas. O que são ondas da Covid-19 e por que o Brasil pode estar diante da terceira. **CNN Brasil**, 30 de maio de 2022. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-sao-ondas-da-covid-19-e-por-que-o-brasil-pode-estar-diante-da-3/>> Acesso em: Abril de 2022

SILVA, A. L. R. **Bolsonaro e o coronavírus: o custo do isolamento diplomático num momento de crise.** FCE UFRGS, Rio Grande do Sul, pg 1-3, 20 de Agosto de 2020.

SILVA, Rebecca. **Um ano depois do início da pandemia, plataformas de streaming contabilizam ganhos.** Forbes, 2021. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2021/03/um-ano-depois-do-inicio-da-pandemia-plataformas-de-streaming-contabilizam-ganhos/>> Acesso em: Novembro de 2020

TAVARES, L. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, F. L. de; MAGALHÃES, M. **Análise dos discursos do Presidente Jair Bolsonaro em meio à pandemia: o**

coronavírus é só uma “gripezinha”? Research, Society and Development, v. 9, n.7, pg. 1-19, 27 de maio de 2020.